



‘TOU-TA DIZER, É VERDADE...’

Andrea Cristina Muraro¹

RESUMO: A novela angolana *Bom dia camaradas* (2006) de Ondjaki, trata do cotidiano de um grupo de crianças em Luanda em fins da década de 80, marcadas pela presença cubana na educação, a guerra civil, a violência urbana e monopartidarismo ; aborda, também, o fim da infância e de uma das fases da guerra civil de maneira bem-humorada e vivida, constituindo-se como uma narrativa em prosa poética.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Angolana; Ondjaki; Novela; Crítica

ABSTRACT: The Angolan romance called "Good morning Comrade" (2006) by Ondjaki, deals with the day-by-day of a group of children in Luanda at the last of 80s, represented by the Cuban presence in Education, the civil war, the urban violence and the monopartidarism; also states about the end of the childhood and one of the civil war phases, in a good-mood of humor way being a narrative in poetic prose.

KEYWORDS: Angolan literature; Ondjaki ; Romance; Critics

Bom dia camaradas, obra do jovem angolano Ondjaki, editado em Angola e Portugal em 2000 e em 2006 pela Editora Agir no Brasil, é uma pequena raridade de 145 páginas dentre outras obras a tratar de Angola; traz-nos um relato vivido, irônico e bem-humorado guiado por um narrador (quase) adolescente que tateia a presença dos cubanos na educação durante a década de 80 em Angola através do cotidiano de um grupo de crianças que crescem aos preceitos da revolução, guerrilha, cartões de abastecimento e monopartidarismo.

Só isso já seria suficiente para termos uma obra de exceção considerando sua abordagem sobre Cuba, no entanto, Ondjaki nos premia com situações de linguagem,

¹ Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, doutoranda em Letras pela USP, na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, título do projeto: Mapas poéticos de Luanda: discurso e espaço nas obras de Manuel Rui e Ondjaki. Contato: a.muraro@uol.com.br



momentos delicados, muito reveladores do ambiente que permeia a produção : nação angolana no jardim-quintal do menino a crescer ao som das folhas do abacateiro:

Pela janela enorme entrava a luz, entrava o som dos passarinhos, entrava o som da água a pingar no tanque, entrava o cheiro da manhã, entrava o barulho das botas dos guardas da casa ao lado, entrava o grito do gato porque ele ia lutar com outro gato, entrava o barulho da despensa a ser aberta pela minha mãe, entrava o som de uma buzina, entrava uma mosca gorda, entrava o som de uma buzina, entrava uma libélula que nós chamávamos de helibélula, entrava o barulho do gato que depois da luta saltava para o telheiro de zinco, entrava o som do guarda a pousar a AK47 porque ia se deitar, entrava muita luz mas, acima de tudo, entrava o cheiro do abacateiro, o cheiro do abacateiro que estava a acordar.(p.84)

O parágrafo acima, dá-nos o percurso sinestésico, característico desse escritor, que pode ser lido também em outras obras como: ‘Há prendisajens com o xão’- poesia-, também de 2000, ‘Momentos de Aqui’- contos- de 2001, o romance ‘Quantas madrugadas tem a noite’ de 2004, editados pela Caminho em Portugal e ‘Os da minha rua’ de 2007, publicado pela editora Língua Geral no Brasil, cujo contexto é, de certa forma, uma continuidade de várias situações de *Bom dia camaradas*.

Algumas personagens alegóricas como o ‘camarada’ António, amigo e cozinheiro, figura vital e sensível, simbolizam, sem dúvida, a Angola dos tempos coloniais. Ao iniciar a narrativa, cujo tom é memorialista, a personagem-menino(a Angola que cresce) que não se nomeia ao longo da narrativa (a não ser por uma vez, todavia em terceira pessoa), começa com uma pergunta introduzida por uma adversativa:

– Mas , camarada António, tu preferes que o país seja assim livre?’(p.15-16),
– Ninguém era livre como assim? Era livre sim, podia andar na rua e tudo.... O camarada António aí ria só. Sorria com palavras, vendo-me assim entusiasmado dizia ‘ esse menino....!’(p.17)

O que distingue a obra de Ondjaki é sem dúvida sua imaginação e a capacidade de imbricar - via olhar púbere- a sociedade angolana de contrastes. Podemos afirmar isso, quando observamos a página de rosto com versos de Drummond indicados da seguinte forma:



“E tu, Angola:

‘sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações, adivinho-te que sobes, vapor róseo, expulsando a treva noturna’.”

Outro índice dessa sociedade é a trajetória da narrativa dividida em duas partes, iniciadas por citações de Óscar Ribas, que nos obrigam a um olhar cinematográfico; sem nos deixar escapar da antítese social de suas cenas:

O camarada João era motorista do ministério. Como o meu pai trabalhava no ministério ele ajudava nas voltas da casa. Às vezes aproveitava a bolcia e ia com ele para a escola.(p.17)

fui para baixo do telheiro e fiquei a ver a chuva cair. Lembrei-me imediatamente do Murtala : na casa dele, quando chove, só podem dormir sete de cada vez, os outros cinco esperam todos encostados na parede onde há um tectozinho que lhes protege. Depois é a vez dos outros dormirem, assim mesmo, juro, sete de cada vez. Sempre que chove de noite, o Murtala, no dia seguinte, dorme nos três primeiros tempos. (p.143)

Episódios esses que nos revelam somadas às falas utópicas dos professores cubanos Sara e Ángel (seus discursos pela revolução das idéias, bem como o encanto paradoxal diante de um aparelho de TV e guloseimas), ao banditismo representado por uma suposta invasão à escola por grupo denominado ‘Caixão vazio’, aos desfiles de 1º de maio e seus cerimoniais, à presença de Tia Dada (que vive em Portugal e visita Luanda),

_ Pois... escapaste é de ver a cerimônia de tiros que ia haver se algum FAPLA te visse a mexer, parecia que estavas a dançar, ainda por cima ia pôr o chapéu...

_Mas sempre que o presidente passa vocês têm que ficar em sentido? – ela estava mesmo espantada. (p.58)

mostram um pano de fundo de excessos das forças de segurança e a deferência para com o regime, acima exemplificados; marcam a narração com ironia de adulto e ingenuidade do menino,

Nós ficávamos um bocado aborrecidos com as notícias, porque era sempre a mesma coisa. Primeiro eram as notícias da guerra, que não eram diferentes quase nunca, só se tivesse havido alguma batalha mais importante, ou a UNITA tivesse partido uns postes. Aí já dava risa,



porque todo mundo ia dizer na mesa que o Savimbi era o Robin dos Postes...(p.28).

O companheirismo entre os alunos da escola, a inocência das estórias inventadas e aumentadas estão presentes durante toda a narrativa; por isso o título desta resenha refere-se a uma fala que se repete, principalmente na escola, quando se é absolutamente infiel ao contar um fato ocorrido e o interlocutor duvida e tem-se que afirmar: *'tou-ta dizer, é verdade'*.

Assim, uma das verdades da obra é o término de uma situação política: o fim de uma das fases da guerra civil- que nas últimas páginas nos é anunciada pela Rádio Nacional ao som da chuva- renovação, a personagem-menino-narrador vê cair as águas da fecundação sobre o quintal- jardim de sua casa, mesmo diante da solidão de quem tenta construir e sorrir sozinho, dá-se conta do ser- social, do ser- identidade cujas raízes já são profundas; com esse espírito, ao terminarmos a leitura de *Bom dia camaradas* a impressão que temos é que o título grita um imenso vocativo à nação que recomeça pela ficção.